

DOMINGOS OLIVEIRA



Uma volta em dois episódios



FILME CULTURA — *Deliciosas Traições de Amor* é uma fita de episódios. Quais os seus? E os outros?

DOMINGOS OLIVEIRA — São quatro episódios. Eu dirigi dois, a Teresa (Trautman) dirigiu outro e o Fidelis Barbosa (produtor do filme) estreou na direção do outro.

FC — Quais as histórias e equipes dos episódios?

DO — **Mais de Cem** ("na qual, mais uma vez, se percebe o quão delicada é a arte do casamento; história na qual Helena, jovem esposa de Mario, aprende coisas que a mãe não ensina") — direção minha — roteiro meu e de Lenita Plonckzynska — fotografia do Zé Antonio Ventura. Os atores são apenas dois, todo o tempo em cena: a Teresa Trautman e o Dino Menasche (meu amigo de infância, solene advogado experimentando corajosamente os primeiros passos da arte dramática). **O Olhar** — direção minha, roteiro meu e de Lenita Plonckzynska, fotografia de Alberto Salvá ("narrativa dedicada aos maridos incautos e às andorinhas que, sozinhas, fazem verão"). Izabel Ribeiro faz o papel da Baronesa, Lenita é a Marquesa, Neila Tavares é a empregada da Baronesa, Katia Dangelo é a empregada da Marquesa, Luis Delfino faz o chofer e o próprio Salvá faz o marido. Não sei ainda como Teresa vai chamar o episódio dela. Trata-se de uma estrutura de historietas com revezamento dos atores (Wilker, Neila, Cristininha Ascher e Stepan). O roteiro era bem interessante, a fotografia foi feita pelo Jorge Monclar. Estou muito curioso de ver o material montado. O episódio de Fídias chama-se **O Marido Enganado**. Carregando os chifres vem Delfino, seguido de Aninha Magalhães, eu (ando muito interessado em trabalhar de ator) e uma patota. O roteiro foi escrito por mim. É uma chanchada.

Izabel Ribeiro em "Deliciosas Traições de Amor"

FC — Os papéis principais dos seus estão bem definidos?

DO — Foi bom fazer. Ao redor de uma câmara a vida pulula sempre. Foi bom rever Isabel Ribeiro (que me disse que estreou no cinema em **Todas As Mulheres do Mundo**). Foi bom aprender da comédia com Delfino, conhecer a Neila que é uma moça tão séria, e a Katia que gosta de ajudar. Foi muito rico para mim trabalhar com Lenita (que é minha mulher) e com Dino e Teresa (amigos velhos, atrapalhadíssimos com seus papéis). O contato humano do diretor com os atores é uma coisa muito bonita, muito séria, como todo contato humano. E depois, quando tudo vira copião, a gente olha aqueles rostos com um certo espanto. É como se não os conhecesse, ou melhor, é como se somente agora os estivesse conhecendo, de verdade.

desfigurado em nossa sociedade. Sempre achei que seria uma boa idéia filmar "O Livro Negro do Amor". Além do que, e isto é o principal, o filme cai dentro da faixa da comédia erótica, esta praga do cinema brasileiro. Como é sabido, torna-se muito difícil armar a produção de um filme que caia fora das grosserias que vêm sendo feitas nesse sentido. A propósito, anda me parecendo que é dever de toda pessoa séria ligada ao cinema tentar combater as "comédias eróticas", mas, enfim, este é outro assunto. Quanto aos bons argumentistas do cinema brasileiro, eles realmente não existem. Não há mercado que possa criá-los, os preços que os produtores podem pagar ainda são muito baixos para que os escritores bons possam realmente dedicar-se ao mister.

FC — Você causou impacto no cinema fazendo **Todas as Mulheres do Mundo**. Ultimamente houve entre você e o cinema um distanciamento progressivo. Por quê?

"... o 'Livro Negro do Amor'

continha uma boa dose

de alegria de viver,

uma interessante

noção da infinitude do

mundo do sexo..."



Isabel Ribeiro e Lenita Plonckzynska: "Deliciosas Traições de Amor"

FC — Qual a linha impressa à fotografia, música e montagem?

DO — A leveza foi sem dúvida buscada, foi buscado o Sade de "O Livro Negro". Que é um Sade antes de ficar louco, mais para Bocaccio que para Sade.

FC — **As Deliciosas Traições de Amor** é baseado no Marquês de Sade. Por que a escolha de uma obra literária para filmar?

DO — Apenas os amadores não sabem que uma boa história e, depois, um bom roteiro, é quase tudo num filme. "O Livro Negro do Amor" continha uma bonita dose de alegria de viver, uma interessante noção da infinitude do mundo do sexo, no qual um homem pode, durante toda uma existência e se este for o seu desejo, deitar e rolar. O livro tinha um lado sadio, como Bocaccio, quase me "lembrou" como é o sexo, este valor tristemente

DO — **Todas as Mulheres do Mundo** é um caso à parte; **Edu Coração de Ouro** é um filme muito interessante, que merece uma revisão porque é tematicamente revolucionário em relação à sua época; **As Duas Faces da Moeda** é meu melhor e mais moderno filme; mesmo o **Simonal** possui estranhezas de interesse; **A Culpa** foi premiado pelo INC como o melhor filme do ano, e é sem dúvida, uma obra de arte, plena das significações e das grandezas, se bem que irrealizadas. Desde então não fiz mais filmes para o cinema porque ando meio sem dinheiro, e sem paciência para envolver produtores.

FC — A experiência na televisão é proveitosa?

DO — Muito, muito proveitosa. Grande escola, em todos os sentidos. Porém insuportável, depois de usada como escola. Não tenho nada contra o modo com que a TV é feita, esse

lado é uma maravilha. O que é terrível é o modo com que ela é vista. Por razões muitas e muito estudadas, a televisão é o eletrodométrico que emplastra, destrói e confunde os valores artísticos mais evidentes (outro dia vi **Stagecoach** na televisão, era uma droga!). Pessoalmente creio que a melhor parte de meu trabalho até hoje fiz na televisão, nesses três últimos anos em que estive lá (dois documentários de longa-metragem, oito direções de tele-peças e mais de 50 "scripts"). No meio disso tudo estão os meus "melhores momentos". Pois bem, apesar dos milhões de espectadores, são trabalhos que ninguém realmente viu. O próprio aparelho deforma a obra, é uma coisa esquisitíssima. O bom e o mal se confundem, coisa do diabo.

FC — É **Simonal**. Algum arrependimento?

DO — Fica muito difícil para mim me arrepender de uma coisa que já aconteceu. Talvez o arrependimento seja um sentimento adequado apenas a coisas futuras, a intenções. Claro que o filme é ruim, é uma confusão só. Mas a vivência de fazê-lo foi muito rica. Irene, Thedim (de quem ando com saudades), Gladis, pobre Viana, e a ilha de Brocoió com seus sete ventos, e as madrugadas nos bastidores da Globo, e a figura do **Simonal**, e tudo. Como é possível se arrepender? Naquele tempo eu estava muito distante de mim mesmo, eu sofria muito.

FC — Qual o seu novo projeto como diretor?

DO — Tenho um projeto maravilhoso, que me anima todas as células. É uma história de amor, com final feliz, envolvendo um problema social de grave atualidade do qual vale a pena falar. Não sei se o chamo de **Vida, Vida** ou de **Uma Questão de Escolha**. Talvez não seja fácil conseguir a produção, porque não se trata de uma das comédias eróticas, mas seja como for, este será o meu próximo filme.